

Indigenismo, imigração e racialismo: o caso de O Cenáculo (1896)

Indigenism, immigration, and racialism: the O Cenáculo case (1896)

Caroline Baron Marach

Doutora em História - Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil
Professora do curso de Licenciatura em História - Sociedade Técnica Educacional da Lapa (UNIFAEL), Brasil
carolmarach@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3279-7432>

Resumo: O artigo objetiva refletir sobre a concepção de indígena elaborada por um grupo de

escritores paranaenses no final do século XIX. Com as análises da revista paranaense O Cenáculo (1896), constata-se que os indígenas eram percebidos como agentes capazes de garantir a integridade étnica do povo brasileiro. Entendemos que os escritores mencionados cumprem a função de “atores linguísticos”, expressão utilizada por John Pocock (2003) para designar aqueles que instrumentalizam a linguagem de uma época, articulando-a na garantia de seus interesses e na expressão de ideias. Tais escritores defenderam, na imprensa local, a civilidade para os indígenas viabilizada pela inclusão e miscigenação desses povos no cotidiano das cidades. Também, buscaram compreender a formação étnica do povo brasileiro, comparando-o com outras populações do mundo.

Palavras-chaves: indigenismo; imigração; identidade nacional

Abstract: This article aims to reflect on the social role a group of writers from Parana assigned to indigenous people. By analyzing O Cenáculo, the magazine from Parana, it was possible to infer that indigenous people would be the ones who would guarantee the Brazilian people's ethnic integrity. Threaded in that discussion, it's noticeable the effort O Cenáculo's writers put into comprehending the Brazilian people's constitution and identity compared to other world populations. We understand the mentioned writers are “linguistic actors,” an expression used by John Pocock (2003) to refer to those that turn a time's language into an instrument, articulating it in a way it defends interests and expresses ideas and values. Such writers defended miscegenation and civilizing practices for the indigenous people, acting simultaneously as actors and witnesses of their context.

Keywords: indigenism; immigration; national identity

Introdução

O presente artigo é desenvolvido no sentido de contribuir para as análises sobre o modo como os povos indígenas foram vistos e compreendidos pelos não-indígenas no final do século XIX. Também buscamos refletir sobre o papel social conferido aos indígenas por um grupo de escritores paranaenses em resposta ao movimento migratório de europeus e asiáticos ao Brasil, no período já mencionado.

Tomaremos como base para essa análise a revista *O Cenáculo* (1895-1897), organizada por escritores paranaenses de evidência pública, como Dario Vellozo, Silveira Netto, Júlio Pernetta e Antônio Braga. O periódico teve como intuito fomentar a circulação de ideias, além de buscar “despertar” a sociedade da época para a importância da literatura. Também, foi expressão da Liga Anticlerical criada em 1901, no Paraná (PEREIRA, 2002: 80). Os dois números a que este artigo se refere são os de maio e julho de 1896, selecionados por apresentarem-se integralmente dedicados a discutir o papel dos indígenas na sociedade brasileira. E, atrelado a essa discussão, há um esforço no sentido de se compreender a constituição e a identidade do povo brasileiro, buscando desvendar suas origens étnicas desde os tempos coloniais.

Por essa razão, em *O Cenáculo*, a figura do indígena é enaltecida, posto que entendida como o elemento fundador daquilo que se chamou de “raça nacional”. Tipo genuinamente brasileiro, tido como forte, robusto e isolado em florestas, o indígena – na concepção daqueles escritores – deveria ser integrado ao restante da população do país, não importando a qual povo ou aldeia pertencesse. Jamais deveria ser dizimado ou permanecer isolado. Os escritores, ao discutirem sobre como deveria ocorrer o processo de integração do indígena à sociedade urbana, mencionam poucas estratégias. Em seus artigos, registram impressões e opiniões, sem a preocupação com a concretude de seus projetos sociais.

Além disso, segundo a análise dos artigos da já mencionada revista, detecta-se elementos de um discurso comum ao período analisado, como a preocupação em adequar as etnias originárias ao padrão de vida das cidades brasileiras, havendo a ausência completa da cautela em se manter a integridade desses povos.

Essa intenção de fazer submergir os povos originários em uma cultura que não a sua própria, mas forjada em outros costumes, hábitos e crenças, funda parte da identidade nacional brasileira, cujas concepções permanecem mais ou menos vivas com o passar dos anos. No caso de *O Cenáculo*, a questão da necessidade da assimilação do indígena ao restante da população do país surge como uma resposta ao perigo iminente representado pelos imigrantes, força que supostamente ameaçava dominar o território nacional, como veremos a seguir.

O Cenáculo e seus escritores

Em um primeiro contato com os números da mencionada revista, o que nos chama a atenção é seu caráter aguerrido e engajado com relação às causas sociais defendidas. A linguagem é bastante clara, sem eufemismos e a grafia das palavras apresenta-se mais sintética e menos rebuscada se comparada a outras revistas do mesmo período. Com a linguagem mais direta e com a organização dos números da revista em pequenos fascículos, fica clara a intenção do periódico de atingir o maior número possível de leitores. Os discursos anticlericais são a amálgama que sustentam o periódico, em torno dos quais são organizados e debatidos outros temas afins, cuja análise historiográfica nos apresenta um panorama sociopolítico da capital paranaense do período.

O Cenáculo era apenas um dos muitos periódicos, entre jornais, panfletos e revistas, que circulavam no final do século XIX, em Curitiba. Assim como ocorrera em outras capitais do país, a produção editorial curitibana se intensificou após a instauração da República, quando “houve o abrir de janelas, por onde circulavam livremente as ideias que antes se continham no recatado mundo imperial” (CARVALHO, 1987: 24). Esse “abrir de janelas” possibilitou a ocorrência de um *boom* de impressos no estado do Paraná, quando foram criados diferentes veículos de informação, principalmente, na imprensa periódica de caráter republicano e literário. Tal fenômeno contou com o incentivo financeiro proporcionado pelo crescimento da indústria ervateira (BEGA, 2004: 94). Especificamente no caso do Paraná, uma ruptura econômica dada em meados do século XIX, cedeu espaço para que estratos emergentes como profissionais liberais e os comerciantes de erva mate diversificassem as atividades locais. Como explica Corrêa (2006: 23), os engenhos se multiplicaram pelos arredores de Curitiba e o crescimento de

investimentos permitiu um salto tecnológico na produção, que adquiriu um caráter industrial. Pouco a pouco, o setor social ligado ao mate, formado por pequenos e médios comerciantes, direcionou a cidade rumo a um processo de “modernização” que abrangeu uma série de investimentos, viabilizando o surgimento de uma diversificada esfera cultural no Paraná (MARACH, 2013: 26).

Os escritores de *O Cenáculo* compunham uma parcela da elite letrada local que se propunha encaminhar a população brasileira ao progresso e ao desenvolvimento moral, intelectual e econômico. Nos artigos, sintetizaram um momento de repensar a sociedade de sua época, atentando para problemas sociais, culturais e políticos. Entendemos que esses escritores estão inseridos em uma categoria de atores sociais que se distinguem dos demais em razão de sua capacidade de articular a linguagem de sua época, como algo que se constrói e reconstrói coletivamente. John Pocock (2003: 41) tece esclarecimentos a respeito do uso coletivo de uma linguagem, bem como de seus instrumentalizadores, agentes a quem chama de *atores linguísticos*. Pocock menciona que “as mentes vigorosas que o utilizam [o discurso político] estão constantemente explorando a tensão entre os usos linguísticos estabelecidos e a necessidade de usar as palavras de novas maneiras”. (POCOCK, 2003: 37). Portanto, a linguagem para Pocock não é algo mutável, constituída de permanência e rupturas.

Assim, um escritor é tanto expropriador – ao tomar a linguagem de outros e usá-la para os próprios fins – quanto inovador, ao atuar sobre a linguagem de maneira a induzir momentâneas ou duradouras mudanças na forma como ela é usada (POCOCK, 2003: 29). Por essa razão o autor, ou *ator linguístico*, não deve ser visto como um mero reproduzidor ou porta-voz de um discurso. Antes, deve ser entendido como alguém que se apropria de determinados conceitos comuns a uma linguagem e, pautado por eles, elabora seus discursos com novos e antigos elementos. O ator é também alguém que *performa* criando inovações em seu contexto discursivo, daí o porquê de Pocock afirmar que a linguagem é continuidade e transformação.

Além do instrumental metodológico derivado da obra do autor já citado, esse artigo também fundamenta suas análises e conclusões na obra de Abílio Guerra (2010), intitulada *O homem primitivo; origem e conformação no universo intelectual brasileiro*. Tal trabalho apresenta uma análise rica em detalhes e temporalmente abrangente do pensamento brasileiro datado entre os séculos XIX e XX e de suas relações com as diferentes vertentes do pensamento Ocidental.

Do cosmopolitismo imigrantista ao indigenismo romântico

O tom indigenista que figurou nas páginas de *O Cenáculo* aproxima o periódico de produções que buscaram recuperar a ideia de “bondade natural” do selvagem de Jean-Jacques Rousseau (RABELLO, 1967). O caráter ufanista e nacionalista de tais produções marcam o período romântico da literatura brasileira, imediatamente anterior ao de *O Cenáculo*, quando ganham destaque nomes como Gonçalves Dias e Domingos Magalhães, por exemplo.

São inegáveis os traços românticos dessa concepção de indígena apresentada na revista em questão. Porém, tal aspecto não foi a principal motivação dos escritores de *O Cenáculo* pela defesa da causa indígena. Esse ímpeto de escrever sobre a questão adveio, sobretudo, da necessidade de denunciar uma realidade que tais agentes viviam. Em 1895, Dario Vellozo, um dos organizadores de *O Cenáculo*, tornou-se proprietário de uma chácara localizada na região do Rio Negro, no sul do Paraná. Descobriu ali uma intensa disputa entre imigrantes e indígenas pelo mesmo território. O grupo de nativos pertencia à etnia seminômade Xokleng. Nas mesmas terras habitadas por eles, ocorreu a fundação de uma colônia para imigrantes, a Lucena, fundada em 1891. Desde então, aqueles indígenas passaram a conviver com europeus de diferentes nacionalidades de maneira conflituosa.

Dario Vellozo sensibilizou-se com a situação dos indígenas, posicionando-se ao lado deles na imprensa local, e, contra os imigrantes. Possivelmente, Vellozo foi um dos primeiros paranaenses a chamar a atenção pública para a questão indígena no estado. No entanto, a tomada de posição contrária aos imigrantes não se restringiu apenas a uma questão local. Do contrário, os discursos de Vellozo e do grupo de *O Cenáculo* revelam uma preocupação com a existência de imigrantes em âmbito nacional e com o impacto que poderiam provocar na cultura e no desenvolvimento brasileiros.

Desde o final do século XIX, ondas migratórias de origem europeia e asiática destinaram-se ao Brasil de modo a suprir o escasseamento da mão-de-obra compulsória africana, principalmente nas áreas agrícolas (LAMB, 1999). Havia um amplo projeto imigrantista em curso, fomentado pelas autoridades regionais e nacionais. No caso do Paraná, a ocupação das terras por imigrantes também significava a garantia da posse do território do estado que, na época, encontrava-se ameaçado por conflitos fronteiriços.

Logo depois da chegada das primeiras levas de estrangeiros em solo nacional, não tardou para que fossem notadas as dificuldades de adaptação desses indivíduos. As habitações eram precárias, faltavam medicamentos para enfermidades que os imigrantes desconheciam. Além das dificuldades materiais, a chegada de estrangeiros a algumas comunidades no Brasil impactou negativamente na opinião pública. Alguns grupos específicos de imigrantes passaram a ser vistos como “desordeiros” e, conseqüentemente, uma ameaça ao processo civilizador nacional (LAMB, 1999: 36).

É possível que essa repercussão negativa do imigrante tenha endossado o discurso dos escritores de *O Cenáculo*. Dario Vellozo, em um discurso de 1892, já demonstrava preocupação com a intensidade das ondas imigratórias européias no Brasil (VELLOZO, 1892: 4). Esse discurso, proferido em um dos salões do Clube Curitibano¹, revela o temor de que o Brasil sofresse a invasão de povos europeus, perdendo sua autonomia ou parte de seu território para imigrantes. Anuncia Vellozo,

[...] o Brasil sofrerá o derrocar do monumento de seus labores, do mito de suas crenças, do troféu de suas vitórias; e a raça nacional desaparecerá rapidamente, submersa pelas alterosas vagas de irrefreado oceano! [...] – porque esses mesmos concorrentes, em limitadíssimo número de anos, [...] farão predominar o tipo de sua raça (VELLOZO, 1892: 4).

As ideias de Vellozo, como ele próprio afirma, foram inspiradas na obra de Max Nordau², autor húngaro que buscou traçar o caminho da civilização ao longo do tempo. Uma de suas obras de maior destaque é *Paradoxos (Paradoxes)*, publicada em 1885 (CASTRO, 2005). Por sua vez, o capítulo específico a que Dario Vellozo faz referência intitula-se *Um golpe de vista para o futuro*. Nele, Nordau arrisca delinear o caminho da civilização ao longo do tempo, sugerindo que após

¹ Surgido em 25 de setembro de 1881, em Curitiba, o Clube Curitibano buscou fomentar a leitura e a circulação de ideias entre as últimas décadas do século XIX e todo o século XX. Aos poucos, tornou-se importante espaço de aglutinação de escritores, jornalistas, políticos e outros profissionais, e foi nesse clima que jovens escritores encontraram espaço para a divulgação dos ideais republicanos, abolicionistas e anticlericais. A revista de mesmo nome, que circulou a partir de 1890, contou, em seu corpo de colaboradores, com literatos, jornalistas e professores de expressiva produção na imprensa diária local, sendo que a maioria possui, além de artigos, obras e publicações que lhes conferem destaque no âmbito da cultura paranaense. Dentre eles, estão Agostinho Ermelino de Leão, Dario Vellozo, Emiliano e Júlio Pernetta, Leôncio Correia, Silveira Neto, Antônio Braga, Sebastião Paraná e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (MARACH, 2013).

² Simon Maximilian Südfeld (1849-1926), conhecido pelo pseudônimo de Max Nordau foi traduzido para cerca de 20 línguas no ano de 1898, além de ter atuado como correspondente em diferentes jornais franceses, alemães, entre outros. Trabalhou, ainda, como médico, físico e foi co-fundador da organização sionista mundial (CASTRO, 2005).

exagerado crescimento da população os povos da Europa dominariam o restante do mundo e migrariam em ondas rumo a regiões onde encontrassem:

[...] menor resistência. A menor resistência será oferecida por parte das raças de cor, que estão destinadas a serem repelidas e depois exterminadas pelos filhos da raça branca... O imigrante europeu procurará em primeiro lugar países cujo clima apresente as menores diferenças possíveis com o do seu país natal [...]. (NORDAU, 1885, apud VELLOZO, O CENÁCULO, 1896: 146).

Nordau sugere que, após o exagerado crescimento da população, os povos da Europa migrariam rumo a outras regiões do mundo. Além dos discursos do autor húngaro, outras teorias científico-sociais bastante em voga na época previam um futuro catastrófico de falta de alimentos, superpovoamento e barbárie. Segundo a linguagem da época, a vitória na luta pela sobrevivência dos povos seria concedida aos que domassem seus impulsos pela razão, civilizando-se (MARACH, 2013: 47). Esse elemento ganha maior potência nos discursos de Dario Vellozo, em seu artigo intitulado *Pelos índios!*, publicado, originalmente, em *O Cenáculo*³. Refletindo sobre as origens étnicas da população brasileira, o autor menciona que a formação da população ainda era um processo incompleto, pois:

O povo brasileiro, cujos caracteres étnicos [...] ainda não apresentam o tom definitivo e geral que dá às coletividades autonomia e força, sofrem atualmente degenerescência relativa, com os novos elementos que para eles estão concorrendo, nos estados do sul (VELLOZO, 1986b: 146).

Os “elementos novos” a que Dario Vellozo faz menção correspondem aos imigrantes europeus que, como já mencionado, chegavam em várias ondas migratórias ao Brasil, especialmente na região sul do país. Desse trecho, ainda se depreende que, além da tese da invasão imigrante, consta o discurso de que o povo brasileiro era o resultado de um processo de miscigenação incompleto (“cujos caracteres étnicos ainda não apresentam o tom definitivo”).

Essa ideia, segundo Abílio Guerra (2010: 74) teria sido explorada pela primeira vez por Silvio Romero⁴, na obra *História da literatura brasileira*, publicada em 1888. Esse pensador

³ O artigo intitulado *Pelos índios!*, de D. Vellozo, foi publicado em quatro fascículos de *O Cenáculo*, conforme listado na seção final de referências.

⁴ Silvio Romero era membro do círculo letrado da capital de Recife. Em 1876, mudou-se para o Rio de Janeiro, quando suas ideias ganharam notoriedade nacional. Conforme Abílio Guerra (2010: 70), a obra de Romero apresenta “a enorme

tornou-se célebre por dedicar-se a compreender a formação étnica do povo brasileiro (RABELLO, 1967; GUERRA, 2010: 74). Não à toa, Dario Vellozo recupera vários discursos de Romero ao longo de seus artigos na revista, estabelecendo um intenso diálogo com eles. Em *A história da literatura brasileira*, afirma-se que a constituição da população brasileira ocorre a partir de três raças: a americana (indígena), a caucasóide (branca) e a etiópica (negra)⁵. A miscigenação destas resultou, segundo o autor, no elemento mestiço que “não é um grupo étnico definitivo; porque é um resultado pouco determinado de três raças diversas” (ROMERO, 1949: 84).

A partir dessa concepção de *mestiço*, Vellozo complementa que a população mestiça seria mais suscetível à degeneração étnica desencadeada pelas consecutivas ondas migratórias que chegavam ao Brasil. Portanto, a partir das ideias de Romero, Dario Vellozo lança seu discurso que afirma ser a imigração uma ameaça à “raça” brasileira, discurso que deve ser entendido como uma resposta ao grande impacto – sobretudo negativo – que a imigração europeia causou no modo de vida local.

Conforme salienta Vellozo:

Penso com Sylvio Romero [...] o grande patriota republicano: ‘O Brasil possui uma certa unidade étnica que lhe tem garantido a existência até hoje’. Mas esta unidade não deve ser perturbada com a ingestão sistemática de elementos estrangeiros [...]. Depois dos assuntos políticos, se seguem os sociais e entre estes avulta o da imigração e colonização estrangeira, que a nosso ver, é mais um temeroso problema social do que econômico (VELLOZO, 1896a: 98).

O forte apelo de caráter racista de Dario Vellozo se aproxima de uma perspectiva eugênica se considerarmos os discursos integralmente, dentro de seu próprio contexto de enunciação (GUERRA, 2010: 97). Entendemos como eugenia o conjunto de teorias que vigoraram no último quartel do século XIX e parte do XX, na Europa e América. Tais teorias, consideradas como uma área da ciência, tiveram entre seus precursores Francis Galton e Renato Kehl. Defendiam a possibilidade de correção de uma etnia “degenerada”, com seus hábitos e

capacidade de apresentar novas perspectivas teóricas, que receberão [...] desenvolvimentos dos nossos mais importantes intelectuais”.

⁵ Segundo Guerra (2010: 73-84), a noção referente às três raças foi apresentada, pela primeira vez, pelo naturalista e médico Carl F. P. Von Martius, na primeira metade do século XIX. Foi recuperada por Sylvio Romero quem a complementou, posteriormente, com a questão da mestiçagem. Os termos apresentados na passagem são do próprio Romero.

costumes, processo que seria realizado por um conjunto de práticas e métodos visando inserir os povos degenerados em um suposto processo civilizacional (GUERRA, 2010: 98).

De acordo os pressupostos da eugenia galtoniana, a essa *ciência* caberia – dentre outras funções – a de controlar o processo de mestiçagem de uma população, procurando definir-lhe caracteres sociais considerados corretos. Além disso, estaria apta a elaborar estratégias para corrigir determinadas condutas indesejáveis, bem como estabelecer medidas profiláticas contra procriações e processos de mestiçagem (GUERRA, 2010: 97).

A intensa circulação de teorias eugênicas em solo brasileiro culminou na realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929. Dentre as conclusões a que chegaram os debates do evento, conforme o *Comunicado Final do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*, estava a convicção de que se fazia urgente a seleção rigorosa dos estrangeiros que chegavam no Brasil e a “severa vigilância” sobre os imigrantes (GUERRA, 2010: 98). Há que se considerar que essas ideias eugênicas, cujo auge se deu no final da década de 1920, já se encontravam no horizonte de pensadores e escritores brasileiros, desde o final do século XIX como observa-se em *O Cenáculo*.

Desde Sílvio Romero a escritores de alcance local como Silveira Netto, muitos escritores defenderam o controle e acompanhamento adequados da fusão das etnias que viviam no país.

Durante quase quarenta anos, Romero acompanhou o desenvolvimento das colônias eslavas nos estados do sul do Brasil, criticando veementemente a política até então seguida quanto à distribuição dos imigrantes procedentes da Alemanha (RABELLO, 1967: 181). Para ele, o problema das colônias alemãs residia no fato de se manterem entregues a si mesmas. Romero previa que, em um futuro breve, tais colônias acabariam por se emancipar, já que viviam sem contato com as populações nativas, usavam a língua de seu país de origem e continuavam com suas tradições europeias. Tais colônias “não se sentiam ligadas por nenhum sentimento de simpatia ou interesse de qualquer ordem com a vida brasileira” (RABELLO, 1967).

Em *O Cenáculo*, de modo semelhante, consta a defesa por um processo de “colonização integral”, ou seja, uma que destinasse os imigrantes a diferentes pontos do território brasileiro para que se miscigenassem com as populações nacionais de modo fragmentado, evitando que se aglomerassem em uma única região do país e com isso, ganhassem força política e autonomia (VELLOZO, 1896a: 98). Nesse mesmo artigo, Vellozo julga como falácia a tese de que a imigração propiciaria o progresso social e econômico a curto prazo. Do contrário, ela poderia resultar “no completo aniquilamento de nossa vitalidade étnica” (VELLOZO, 1896a: 98). Nessa mesma

passagem, Vellozo também menciona que o grupo de *O Cenáculo* estaria convencido “pelo estudo analítico e comparativo dos fatos históricos, de que é urgente e imprescindível aproveitar o elemento indígena em nossa civilização” (VELLOZO, 1896a: 98).

Analisando o percurso discursivo do autor mencionado, verificamos que – se em 1892, ele sinalizava para os perigos iminentes representados pela imigração massiva de europeus e asiáticos ao Brasil – em *O Cenáculo* de 1896, Vellozo passa a defender com mais ênfase a ideia de que o indígena seria um elemento importante, senão fundamental para o progresso da civilização.

De acordo com as análises, não seria infundado deduzir que, ao longo de 4 anos, o escritor pôde reformular seu posicionamento a respeito da imigração no estado e, no Brasil, passando a vislumbrar uma alternativa para sanar aquele que seria um grande problema social e étnico. A resposta para se evitar o “aniquilamento étnico” do povo brasileiro seria o indígena, ou melhor, o “elemento autóctone”. Nas palavras de Vellozo, no Brasil:

os bárbaros do porvir encontrarão favoráveis meios de subsistência, e aí se estabelecerão tanto mais facilmente, quanto menos aproveitado houver sido o nosso elemento autóctone, único em condições vantajosas de suportar longamente o choque e sustentar a luta com as raças conquistadoras, – uma vez trazido para a civilização, e sabiamente educado, e assimilado ao nosso povo. (VELLOZO, 1896b: 146).

O indígena, nessa passagem, é sinônimo de força e de resistência contra os bárbaros, que seriam, por sua vez, os estrangeiros e imigrantes. Portanto, os povos originários, nessa concepção, deveriam ser “aproveitados” o que significa dizer que se encontravam onerosos nas florestas, mergulhados no esquecimento a que o progresso das cidades os relegaram. Veremos mais adiante algumas passagens que corroboram com esse discurso. A expressão “aproveitar”, também, remete-nos a outros termos que se encontram nessa mesma passagem, que são os de “civilizar”, “educar” e “assimilar” o elemento indígena, nas palavras do próprio autor. É possível que nessa passagem encontramos aquilo que Abílio Guerra (2010: 94-5) sinalizou como um ponto de encontro entre os discursos positivista e cientificista⁶. Sob a tutela dos ideais de bem comum, harmonia coletiva e fraternidade humana, tanto o positivismo como o cientificismo defendiam um projeto de ensino obrigatório das massas. No caso específico do positivismo,

⁶ Sobre o vínculo do grupo de escritores de *O Cenáculo* com o discurso positivista ver em MARACH, 2013: 60.

objetivava-se educar universalmente o povo de modo a garantir a solidariedade humana no estado positivo. Já os “entusiastas da cultura científica sonham-na ampla e generalizada, bastando por si só para acelerar a perpétua evolução e renovação humanas no sentido do progresso” (GUERRA, 2010: 94).

Ainda a respeito da passagem anterior de Vellozo, é provável que o autor esteja defendendo a força de trabalho do indígena como uma possibilidade de mão-de-obra, questão que, até então, havia sido parcialmente solucionada com os imigrantes. Tal ideia assume mais potência após Dario Vellozo a ter contato com os conflitos já mencionados na região do Rio Negro, entre indígenas e imigrantes.

Para além do elemento indígena, Vellozo também menciona a importância do sertanejo ou caboclo para a pátria:

Não é só pelo indígena independente que pugnamos; o Cenáculo também almeja ver, para logo, fecundamente aproveitada na civilização do país toda essa enorme população sertaneja, – genuinamente nacional, – de dia a dia escurraçada pelo imigrante europeu, repelida dos centros mais civilizados; – porque o Governo não a tem sabido preparar para a grande luta, há se descurado de civilizá-la, deixando-a vegetar pobremente [...]. É indispensável fazê-la compreender sua missão social, fazê-la prezar o passado, aliá-la na conquista do futuro, dando-lhe a consciência de sua força, de sua vitalidade, – força que se vai desperdiçando inutilmente, vitalidade que vai estarecendo, sem cultivo, sem cuidados, sem ensinamentos. [...] (VELLOZO, 1896b: 152).

A figura do caboclo, tão idealizada quanto a do indígena, surge no discurso como uma fonte de força em potencial. Novamente, tem-se o vocábulo “aproveitar” na expressão “aproveitada na civilização do país toda essa enorme população sertaneja”. Se os indígenas estariam, como já mencionado, em um estado como que “adormecidos” ou isolados em florestas, o sertanejo se encontrava em um estado de abandono pelas autoridades públicas, “vegetando pobremente”. Ambas as populações eram “repelidas pelos centros mais civilizados” na equivalência de se mencionar que foram esquecidas pela civilização e pelos ambientes em que predominavam os ares do progresso. Tais populações, nesse estado de esquecimento público, viviam em uma existência latente, como se desprovidas de “consciência de força e vitalidade”.

Em um tom convocatório da sociedade da época, *O Cenáculo* acena para a necessidade de se arregimentar esses grupos populacionais, seja de indígenas ou de sertanejos, para lutar pelo progresso da pátria. Para tais autores, isso era preferível a integrar o imigrante à sociedade

brasileira. Na edição de maio de 1896, a revista menciona a urgência de se “lançar os olhos para as nossas florestas e procurar trazer para a civilização os preciosos destroços de altiva e sobranceira raça [de indígenas]” (EDITORIAL, 1896: 2). Isolado em florestas, o elemento indígena figurava, para aqueles escritores, como “um animal selvagem [...], mas aperfeiçoável” (PERNETTA, 1896: 135). O aperfeiçoamento de que carecia os já mencionados contingentes excluídos seria concedido pela educação e cidadania, o que possibilitaria “aproveitá-los, trazendo-os a nossos centros populosos, para que co-habitem conosco, para que se imiscuem a populações das cidades” (VELLOZO, 1896d: 42).

Além da preocupação em civilizar indígenas e caboclos, havia a intenção de se evitar a desintegração do povo brasileiro, tanto étnica como moralmente, conforme se acreditava ser possível na época. Para tanto, considerava-se fundamental que os indígenas fossem miscigenados ao restante da população brasileira. Para Silveira Netto, a “civilização dos índios, no Brasil, contribuindo diretamente para o reforço moral e material do caráter brasileiro, impulsionará, por meio deste, a parte com que esta grande república sul-americana há de entrar para a vitoriosa comunhão dos Estados confederados do mundo” (NETTO, 1896: 134).

O indígena seria aquele que enobreceria o caráter do povo brasileiro como um “reforço moral e material”. Silveira Netto continua a mencionar, em seu artigo, que o Brasil seria o país em que ocorre a “irmanação da raça branca ou mestiça à raça vermelha pela convivência e pelo cruzamento [...] em torno do ideal de perfectibilidade humana” (NETTO, 1896: 134).

Uma vez esclarecida parcialmente a representação dos indígenas nos discursos em análise, é importante mencionar que seus autores eram credores do positivismo oitocentista. Portanto, nas passagens, apesar de detectarmos a intenção científica de se compreender a questão étnica e genética brasileira, tal intento se encontra atrelado a elementos positivistas, como a questão do ideal da harmonia e fraternidade entre as raças e a do patriotismo. Tem-se, então, como resultado uma linguagem permeada por elementos ambivalentes inspirados, ora em um cientificista-progressista, ora em um positivismo conservador que, de acordo com Abílio Guerra, também apresentava elementos românticos (GUERRA, 2010: 94-6). O resultado dessa fusão revela o esforço daqueles escritores em conduzir a sociedade de época para um estágio evolutivo em que predominasse a ordem e a harmonia⁷.

⁷ Para Abílio Guerra, o ideário comteano, no Brasil, apresenta características nitidamente românticas, sem que haja a exclusão de uma pela outra dessas duas vertentes de pensamento. Segundo o autor, “a hierarquia social fundada no saber, o pragmatismo do ensino coletivo voltado preferencialmente para a harmonia social [...] são um dos muitos aspectos que

No entanto, considerando outras fontes de análise, os discursos de *O Cenáculo* não raro costumavam ocultar a realidade social. As notícias de conflitos entre indígenas e imigrantes, tanto no Paraná como em outros estados, as mortes e a caça aos nativos não são mencionadas nas páginas da revista. Ao contrário, o que se apresenta são ideias revestidas de um caráter utópico, que concebiam os indígenas como indivíduos que amam a liberdade, íntegros de caráter, bravos, guerreiros, fortes, entre outros predicados. Conforme explica Abílio Guerra (2010: 96), em nome da ordem e da harmonia, tais escritores eram movidos pela missão de edificar a sociedade. Havia uma omissão da verdade, é certo. Mas era legitimada em nome da estabilidade social.

Para aqueles escritores, fazia-se urgente a construção de uma concepção de indígena que representasse a genuína nacionalidade brasileira. Ao mesmo tempo que eram caracterizados como íntegros e fortes, também havia naqueles discursos a ideia de que o indígena permanecia

violentado e zurzido pelos corifeus do cosmopolitismo que se não dignam, entretanto, lançar os olhos para as nossas florestas e procurar trazer para a civilização os preciosos destroços de altiva e sobranceira raça, dizimada cruelmente em pelejares heroicos, na defesa instintiva do solo que lhes foi berço e conserva os sagrados manes de suas gerações extintas (VELLOZO, 1896a: 97).

Na passagem, os indígenas, afetados por tantos anos de ação colonizadora, careciam ser resgatados da escuridão das florestas (“trazidos para a civilização”). Desse modo, seria possível combater o imigrantismo que, no texto, torna-se o sinônimo de “cosmopolitismo”.

Dessa maneira, podemos identificar dois projetos em *O Cenáculo*: a construção de uma identidade nacional cujos elementos fundamentais seriam os indígenas, ainda que idealizados; e, em segundo, a integração desses nativos (assim como dos sertanejos), à sociedade urbana brasileira. A ambivalência do discurso desse grupo desvela-se: para a construção identitária do Brasil, a inspiração positivista com traços românticos; para a integração da sociedade brasileira, a cientificista. Por um lado, do indígena seria a força moral de que necessitava a população brasileira. Por outro, seria a força racial que, a partir de uma perspectiva eugênica, garantiria a sobrevivência e a integridade étnica do povo brasileiro. O encontro das ideias científicas

aproximam as filosofias de Platão e Auguste Comte. Esta proximidade, onde a noção de ordem é a grande força de atração, se faz através do romantismo”. (GUERRA, 2010: 96).

galtonianas com as referências positivistas culmina naquilo que Abílio Guerra chamou de “noção de ordem” (GUERRA, 2010: 96). Esta pode ser percebida no esforço do grupo de *O Cenáculo* em desvencilhar-se da ideia da guerra, em favor da ordem e da paz. O indígena era o representante desse ideal harmônico. Em lado oposto estavam os imigrantes, considerados desordeiros e perigosos à República brasileira, uma vez que propensos a levantes e insurreições, além de serem conhecidos como arautos de ideias revolucionárias do além-mar.

A respeito do contexto de disputa de terras na região do Rio Negro, os escritores de *O Cenáculo* consideravam o povo indígena o verdadeiro “dono” daquelas terras, o que fazia dos imigrantes os invasores, tanto do ponto de vista étnico-racial como geográfico. Os escritores também afirmavam como legítima a defesa do território pelos indígenas, conduta que os escritores julgavam ser resultante do “amor instintivo do solo, o que sempre levou o selvagem brasileiro ao campo da luta, onde se batia com extraordinário heroísmo” (NETTO, 1896: 135).

Se a imigração correspondia à ideia de ameaça à unidade étnica do povo brasileiro, o indígena passou a se constituir no elemento de resistência à tendência *modernizante* e cosmopolita do estrangeiro. Dentro dessa perspectiva, Dario Vellozo afirmara categoricamente ser o indígena:

incontestavelmente, necessário elemento à compleição do tipo nacional, – fator preciosíssimo [...] representando corrente oposta a que nos avassala, enérgico elemento de reação contra o desmembrar de nossa autonomia [...]” (VELLOZO, 1896b: 146).

Nessa passagem fica bastante clara a dicotomia estabelecida entre o indígena, “o enérgico elemento de reação contra o desmembrar de nossa autonomia” e o imigrante, “aquilo que nos avassala”. Ainda, em outras passagens depreende-se, até mesmo, que ao indígena seria delegado o papel de salvaguardar militarmente o território nacional já que estaria “pronto sempre a defender o grande lar comum, – a Pátria, – sem a qual não há liberdade, não há independência [...]” (VELLOZO, 1896b: 147).

Conclusão

Assim como Dario Vellozo, Silveira Neto e Júlio Pernetta, também outros escritores de *O Cenáculo*, buscaram caracterizar o indígena como a representação da coragem, da honra, do

instinto, da vitalidade e, sobretudo, da força. Passagens como as analisadas aqui, remetem-nos à intenção de tais escritores de construir uma identidade nacional, necessidade que se torna, para eles, cada vez mais urgente com a chegada de ondas estrangeiras ao país. Para isso, buscam compreender as origens do povo brasileiro e atestam para a importância dos povos indígenas na manutenção da integridade étnica do Brasil. Os discursos entremeados por elementos cientificistas e – ambivalentemente – positivistas e românticos, buscaram a preservação e consolidação da chamada “raça nacional” constituída, não apenas pela população rural e urbana; mas, também, por elementos que haviam sido esquecidos pelo progresso republicano, como o indígena ou o caboclo.

No contexto do final do século XIX, do auge do imperialismo europeu, quando Estados-nação se desenvolviam e se definiam por oposição uns aos outros, os escritores de *O Cenáculo* foram buscar nos confins do Brasil a força definidora da identidade brasileira. Afinal, entre os círculos intelectuais que se mantinham a par das notícias advindas da Europa, havia um temor de que o país viesse a sofrer uma invasão das potências expansionistas, perdendo sua autonomia, seu território e suas características fundamentais. Espantados com o ritmo com que tais potências ocupavam e partilhavam diferentes regiões do globo, além das levas de imigrantes que chegavam ao Brasil, tais escritores se propuseram a pensar alternativas para o país visando evitar seu aniquilamento cultural, étnico e político brasileiros.

O indigenismo, sobretudo paranaense, de final do século XIX, revestiu-se de seu caráter nacionalista, civilizatório e conservador que buscou forjar, na própria população brasileira, a ideia de uma raça genuinamente nacional capaz de levar o Brasil à regeneração racial, moral e civilizatória.

Cabe a nós, sobretudo, analisar o significado desses discursos como uma reação à modernidade que se apresentava cosmopolita, imperialista e bélica. Nesse contexto, o indígena passa a se constituir na representação da brasilidade e se torna o representante do processo oposto à *modernidade cosmopolita*, constituindo-se na peça-chave para a regeneração étnica nacional.

A perspectiva que os escritores sustentam a respeito dos indígenas, ainda que em sua defesa, revela-se conservadora e autoritária. Pois, defendê-los não corresponde a lutar pelos interesses indígenas. Não há discursos que visem ao diálogo com os povos originários, reconhecendo-os enquanto sujeitos. Sem esse reconhecimento, é impossível o estabelecimento

de uma relação que não seja calcada no autoritarismo e na subordinação. Por essa razão, com as leituras de *O Cenáculo* há a constante percepção de que, aos povos originários, algo sempre lhes seria imposto: fosse a civilização, pelas escolas, fosse a miscigenação pela sua imersão no ambiente das cidades. Tal fato nos revela ser inexistente e impossível – no contexto discursivo analisado – qualquer relação dotada de uma igualdade ou uma maior horizontalidade entre indígenas e não-indígenas.

Fontes

- NETTO, S. 1896. Dr. Mello Moraes Filho. *O Cenáculo*, n. 14, tomo II: 134-135.
- PERNETTA, J. 1896. *O Cenáculo*, n. 14, tomo II: 135-137.
- ROMERO, S. 1949. *História da literatura brasileira*. Tomo I. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. (col. Documentos Brasileiros).
- VELLOZO, D. 1892. O futuro do Brazil. *Revista do Clube Curitibano*, ano III, n. 6, mar.: 4.
- VELLOZO, D. 1896a. Pelos índios! *O Cenáculo*, n. 13, tomo II: 97-153.
- VELLOZO, D. 1896b. Pelos índios! (Continuação). *O Cenáculo*, Curitiba, n. 14, tomo II: 146-153.
- VELLOZO, D. 1896c. Pelos índios! (Continuação). *O Cenáculo*, Curitiba, n. 14, tomo III: 2-10.
- VELLOZO, D. 1896d. Pelos índios! (Continuação). *O Cenáculo*, Curitiba, n. 17, tomo III: 42-48.
- EDITORIAL. 1986. *O Cenáculo*, n. 14, tomo III: 2.

Referências bibliográficas

- BARROS, R. S. M. (1986) *A ilustração brasileira e a ideia de universidade*. São Paulo: Convívio; EDUSP, 1986.
- BEGA, M. T. S. (2001) *Sonho e Invenção no Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. São Paulo, SP. Tese, USP.
- CABRAL, O. R. (1970) *História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Laurdes.
- CARVALHO, J. M. (1987) *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CASTELLO, J. A. (1953) Aspectos do realismo-naturalismo no Brasil. *Revista de História*, v. 6, n. 14: 437-456.
- CASTRO, D. P. (2005) *Max Nordau e a comunicação social*. Brasília, D.F. Monografia, UnB.
- CORRÊA, A. S. (2006) *Imprensa e Política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX*. Curitiba, PR. Dissertação, UFPR.
- GUERRA, A. (2010) *O primitivismo em Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Raul Bopp; Origem e conformação no universo intelectual brasileiro*. São Paulo: Romano Guerra.
- LAMB, E. (1999) *Uma Jornada Civilizadora: imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná (1867-1882)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos.

- MARACH, C. B. (2013) *Discursos e linguagem na revista do Clube Curitibano (1890-1912)*. Curitiba, PR. Tese, UFPR.
- NADALIN, S. O. (2001) *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED.
- PEREIRA, L. F. L. (2002) *O espetáculo dos maquinismos modernos: Curitiba na virada do século XIX ao XX*. São Paulo, SP. Tese, USP.
- PINTO, D. O. (2007) *175 anos da Imigração Alemã no Rio Negro: os pioneiros no Paraná*. Mafra, SC: Nosde.
- POCOCK, J. G. A; MICELI, S. (org.) (2003) *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp.
- RABELLO, S. (1967) *O Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.
- SCHWARCZ, L.; STARLING, H. (2015) *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SODRÉ, N. W. (1998) *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.
- TODOROV, T. (2003) *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VIEIRA FILHO, D.; WEISSHEIMER, M. R. (coord.) (2007) *Roteiros nacionais de imigração. Dossiê de Tombamento*. Santa Catarina. Histórico, análise e mapeamento das regiões. vol. 1. Florianópolis: IPHAN.